

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

THÁIS FRAGOSO VIEIRA

**PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES EM REALIDADE DE PATERNIDADE
PRECOCE**

PICOS - PIAUÍ
2015

THAÍS FRAGOSO VIEIRA

**PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES EM REALIDADE DE PATERNIDADE
PRECOCE**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof^a. Ms. Iolanda Gonçalves de Alencar Figueiredo.

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

V657p Vieira, Thais Fragoso.
Percepção de adolescentes em realidade de
paternidade precoce / Thais Fragoso Vieira. – 2015.
58 f.

Monografia (Bacharelado em Enfermagem) –
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.
Orientação: Prof. Ms. Iolanda Gonçalves de Alencar
Figueiredo.

1. Enfermagem. 2. Adolescentes. 3. Paternidade.
4. Assistência à saúde. I. Título.

CDD 610.734

THAIS FRAGOSO VIEIRA

PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES EM REALIDADE DE PATERNIDADE
PRECOCE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí - UFPI, CSHNB, como requisito parcial para conclusão do grau de Bacharelado em Enfermagem.

Data da aprovação: 15 / 06 / 2015

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Me. Iolanda Gonçalves de Alechal Figueiredo
Universidade Federal do Piauí-UFPI CSHNB
Presidente da Banca



Prof. Me. Valéria Lima de Barros
Universidade Federal do Piauí-UFPI CSHNB
1º. Examinador



Thais Silva do Nascimento
Enfermeira Assistencial
2º. Examinador



Dedicatória

Dedico essa pesquisa ao maior Pai, Aba Pai, que de maneira perfeita dispensa sobre mim todo o seu amor e cuidado.

AGRADECIMENTOS

Eu não tenho palavras pra agradecer ao meu Deus, meu Salvador, pelo seu imenso amor e cuidado. Devo a Ele tudo que sou e serei. Agradeço por cada resposta de oração, quando escreveu aqui, cada linha, quando eu já não podia mais.

Aos meus pais, que desde pequena, inculcaram em meu coração o valor do estudo e a importância de crescer na vida por meus próprios méritos.

À minha mãe, a mulher mais forte e determinada que conheço. Olhar pra você sempre me foi um incentivo pra vencer. Obrigada por sua presença constante.

À minha professora, orientadora e amiga Iolanda Gonçalves de Alencar Figueiredo. Tive muita sorte em ter você como orientadora. Agradeço pelo incentivo, pela credibilidade, pela paciência, pelos ensinamentos e principalmente por sua amizade.

À minha amiga, Enf. Hísla, que me presenteou com sua ideia pra essa pesquisa. Agradeço imensamente pela confiança. Espero satisfazer suas expectativas.

Às minhas amigas, Jayne, Danila e Dayane, pela ajuda para a construção e finalização deste trabalho.

A todos os enfermeiros e agentes comunitários de saúde, exemplos de profissionais, que colaboraram de bom grado com esta pesquisa.

Aos adolescentes, sujeitos desta pesquisa, que sem esperar nada em troca, forneceram os dados para a realização deste estudo.

Finalmente, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para essa vitória.

“Tu, ó Senhor, és nosso Pai;
nosso Redentor é o teu nome
desde a antiguidade.”

Is 63:16b

RESUMO

A paternidade quando ocorre na adolescência pode ser considerada um fator de risco para o crescimento e desenvolvimento saudável do ser humano. No entanto, esse tema ainda permanece quase inexplorado, tanto no meio científico, quanto no social. Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar as dificuldades encontradas frente à realidade de paternidade na adolescência. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, realizada no período de setembro de 2014 a junho de 2015. Participaram desse estudo 8 (oito) adolescentes, residentes no município de Picos, que estavam vivenciando a paternidade, com idade entre 15 e 18 anos. Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí com parecer nº 886.210, os dados desta pesquisa foram coletados por meio da aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada, mantendo a identidade do participante em sigilo. Os dados foram analisados e categorizados segundo o modelo de análise de conteúdo proposto por Bardin. Da análise dos dados insurgiram as categorias: percepções do adolescente frente à paternidade; dificuldades encontradas durante a paternidade; apoio dos serviços de saúde e ações de enfermagem ao pai adolescente. A pesquisa permitiu caracterizar os pais adolescentes, que em sua maioria mantinham uma relação estável com a mãe do seu filho, professavam diferentes crenças religiosas, frequentavam a escola, sem, no entanto estar no ano escolar adequado a sua idade, possuíam vínculo empregatício e apresentavam arranjos familiares diversos, com renda individual predominantemente baixa. Quanto às percepções em relação à paternidade foram expressos sentimentos como susto e medo diante da notícia da gravidez, logo, contornados em sentimentos de alegria e satisfação com a nova realidade. Foi possível também verificar que os significados atribuídos à paternidade referiram-se a obtenção de responsabilidade e a necessidade de trabalhar, como também a um acontecimento propiciador de mudanças positivas. No que tange às dificuldades encontradas após a paternidade verificou-se a preocupação com o sustento e cuidado do filho, além da perda de liberdade para sair. De maneira geral, constatou-se o comparecimento dos pais adolescentes às consultas de pré-natal e a inexistência de uma assistência de enfermagem direcionada a paternidade. Considera-se assim a necessidade de capacitação e incentivo aos profissionais enfermeiros para a promoção de uma assistência que contemple as necessidades peculiares do pai adolescente, com o intuito de protegê-lo das implicações negativas e capacita-lo para assumir as responsabilidades decorrentes da nova realidade.

Palavras-chaves: Adolescente. Paternidade. Assistência à saúde.

ABSTRACT

When the fatherhood happens in the adolescence it can be considered a risk factor to the grown and the healthy development of the human being. However, this theme still remains almost unexplored, both in the scientific field and the social field. Therefore, the present study had as goal to analyze the difficulties found when facing the reality of fatherhood in the adolescence. The research was descriptive, with a qualitative approach, performed in the period of September of 2014 to June of 2015. Took part in this study 8 (eight) teenagers, residents in the municipality of Picos, who were experiencing fatherhood, within the ages of 15 and 18. After approval of the Ethic comity in Research of The Federal University of the Piauí with the notion nº 886.210, the data from this study was collected through application of a script of semistructured interview, keeping the participants in confidentiality, The data was analyzed and categorized according to the Bardin method of analysis of content. From the data analysis emerged the categories: adolescent perceptions facing fatherhood; difficulties found during the fatherhood; the support of the health care system and the nursing actions to the adolescent father. The study allowed to characterize the adolescent fathers, whom in their majority kept a stable relationship with the mother of their son, exhibit several religious denominations, attended school, without, however being in the school year appropriate for their age, they had a employment relationship and exhibit several family arrangements, with a predominantly low individual income. As for the perceptions related to the fatherhood it were expressed feelings of fright and scare when facing the news of the pregnancy, soon, contoured in feelings of joy and satisfaction with the new reality. It was also possible to verify that the meanings attributed to fatherhood referred to the attainment of responsibility and the need to work, as also to an event propitiator of positive changes. Regarding the difficulties found after fatherhood it was verified the concern with support and care of the son, besides the lost of freedom to go out. In a general way, it was found attendance of the fathers to the prenatal consultations and the inexistence of a nursing directed to fatherhood. It is thus considered the necessity of qualification and incentive of the nursing professionals towards the promotion of an assistance plan that contemplate the peculiar needs of the adolescent father, with the intention of protecting them from the negative implications and capacitate them to assume the responsibilities of the new reality.

Key-words: Adolescent. Fatherhood. Health care.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Caracterização do perfil socioeconômico da amostra. Picos – PI, 2015.....	25
--	----

LISTA DE SIGLAS

ACS	Agente Comunitário de Saúde
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DST	Doença Sexualmente Transmissível
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	OBJETIVOS.....	14
2.1	Geral.....	14
2.2	Específicos.....	14
3	REVISÃO DE LITERATURA.....	15
3.1	A adolescência e a Sexualidade.....	15
3.2	A Paternidade Adolescente.....	17
3.3	A Assistência Familiar, Social e de Saúde.....	19
4	METODOLOGIA.....	21
4.1	Tipo do Estudo.....	21
4.2	Local e Período de Realização do Estudo.....	21
4.3	Sujeitos da Pesquisa.....	22
4.4	Coleta de Dados.....	22
4.5	Análise dos Dados.....	23
4.6	Aspectos Éticos e Legais da Pesquisa.....	23
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
5.1	Perfil socioeconômico dos pais adolescentes.....	25
5.2	Categoria 1: Percepções do adolescente frente à paternidade.....	29
5.3	Categoria 2: Dificuldades encontradas durante a paternidade.....	33
5.4	Categoria 3: Apoio dos serviços de saúde e ações de enfermagem ao pai adolescente.....	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	42
	APÊNDICES.....	45
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	46
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (para os responsáveis pelos adolescentes menores de 18 anos de idade).....	47
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (para adolescentes maiores de 18 anos de idade).....	50
	APÊNDICE D - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	53
	ANEXOS.....	55
	ANEXO A - Parecer consubstanciado do CEP.....	56
	ANEXO B - Autorização institucional.....	58

1 INTRODUÇÃO

A adolescência compreende o período de transição entre a fase pueril e a fase adulta. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), abrange a faixa etária de 12 a 18 anos (BRASIL, 1990). Destaca-se por ser uma fase de rebeldia e desentendimentos. Entretanto, é nesse período onde ocorrem as principais transformações que possibilitam a construção da identidade do adolescente e determinarão sua postura frente à sociedade.

As transformações fisiológicas, biológicas e psicossociais acontecem de uma forma intensa durante esse período, fazendo com que o adolescente vivencie diversas vulnerabilidades. Dentre elas, destaca-se a iniciação sexual precoce, que impulsionada por diversas fontes de estímulos, vem aumentando gradativamente.

Como visto em um estudo do Fundo das Nações Unidas para a Infância — UNICEF (2002), dentre os adolescentes brasileiros com faixa etária entre 12 e 17 anos, 32,8 % já haviam tido relações sexuais. Ainda, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE (2010), 9,5% dos adolescentes entre 15 e 19 anos (82% mulheres, 18% homens) vivenciam algum tipo de união, com vida sexual. No Piauí, segundo o Portal G1 (2013), o índice é um pouco mais preocupante, visto que 17,6% das meninas de até 19 anos ficaram grávidas, número acima da média nacional, ressaltando ainda que 22% das mortes infantis ocorreram na gravidez na adolescência.

A gravidez na adolescência, uma visível consequência da sexualidade precoce se manifesta prioritariamente na vida das meninas e não na dos meninos, o que traz uma maior visibilidade para a experiência na perspectiva da mulher em detrimento ao homem (GONTIJO et al., 2011).

Assim, a paternidade na adolescência ainda permanece quase inexplorada, tanto no meio científico, quanto no social. Este fato, que pode ser considerado reflexo da construção social de gênero que considera a gravidez como exclusividade feminina, sendo atribuído aos homens um papel secundário nos processos reprodutivos, vinculado principalmente ao provimento de recursos materiais para a manutenção do lar e sustento dos filhos (GONTIJO et al., 2010) (LUZ; BERNL, 2010).

Entretanto, a paternidade quando ocorre durante a adolescência, muitas vezes é vista como um fator de risco para o crescimento e desenvolvimento saudável do ser humano (BUENO et al., 2012), pois essa experiência transforma a realidade do adolescente, direcionando-o a uma vida adulta de forma prematura e antecipando estágios de amadurecimento. Ademais, a adolescência é um período de extrema fragilidade das capacidades psicológicas e econômicas para se assumir as responsabilidades requeridas para desenvolver o papel de pai (MELO et al., 2012).

O paternar na adolescência trás exigências inerentes de outra faixa etária, fazendo com que o pai adolescente se sinta frustrado e inseguro ao não conseguir cumprir de fato suas responsabilidades. Além disso, outros sentimentos também são vivenciados, que variam desde a alegria pela chegada da criança, como a insatisfação gerada pela perda das vivências que lhe davam prazer, em consequência das responsabilidades assumidas (MELO et al., 2012).

Todos esses sentimentos, com características controversas e multifacetadas tornam a vivência da paternidade na adolescência cada vez mais complexa, pois é um período permeado por dificuldades inerentes à sobreposição de dois momentos importantes e críticos na vida de um homem: ser adolescente e ser pai (HENN; PICCININI, 2013). Subsidiando, assim a ideia de que o pai necessita de uma rede de apoio sólida igualmente a que é oferecida a mãe adolescente, pois também possui carência para assumir as responsabilidades afetivas, socioeconômicas e de cuidado que advém de uma gravidez precoce (PAULA et al., 2011).

Desta forma, se reconhece a necessidade de compreender a vivência desse fenômeno, com ênfase em suas experiências vivenciadas, com a finalidade de conhecer as implicações sociais, culturais e ideológicas associadas que influenciam nos contextos individual e familiar, para que assim seja possível a construção de ações de políticas e práticas de promoção da saúde que ofereçam suporte e busquem minimizar as consequências negativas aos inseridos neste cenário.

Além disso, a compreensão desse acontecimento busca subsidiar a prática do enfermeiro no desenvolvimento de ações de prevenção do evento, como também direcionar o novo desafio de capacitá-los para atuarem de forma eficaz sobre as vulnerabilidades oriundas da paternidade na adolescência.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

- Descrever as percepções do adolescente frente à realidade de paternidade.

2.2 Específicos

- Traçar perfil socioeconômico dos sujeitos da pesquisa;
- Listar as dificuldades com relação à inserção no universo da paternidade precoce;
- Avaliar a assistência de enfermagem prestada ao pai adolescente.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A Adolescência e a Sexualidade

O período da adolescência é definido de diferentes maneiras. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS) compreende a idade de 10 a 19 anos. Entretanto, a lei brasileira, através do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define adolescente o indivíduo de 12 a 18 anos (BRASIL, 1990).

Paralelo a esse período etário o adolescente experimenta uma série de transformações físicas, psíquicas e sociais. As transformações físicas, que são decorrentes das modificações biológicas que acontecem no corpo do adolescente constituem a puberdade, que se caracteriza pelo crescimento físico: aceleração, desaceleração, até a parada do crescimento (2º estirão); maturação sexual; desenvolvimento dos órgãos reprodutores e aparecimento dos caracteres sexuais secundários: presença de pelos pubianos e axilares, desenvolvimento dos seios na menina, aumento da massa muscular no homem, dentre outros; mudanças na composição corporal; desenvolvimento dos aparelhos respiratório, cardiovascular e outros. (SÃO PAULO, 2006)

A puberdade acontece de maneira semelhante em todos os indivíduos, entretanto, os componentes psicológicos, sociais e culturais da adolescência são variáveis de acordo com o meio no qual o indivíduo esteja inserido (SÃO PAULO, 2006).

Normalmente é uma fase caracterizada por conflitos, decorrentes da vivência do então desconhecido, das mudanças abruptas e da exigência de uma mentalidade inerente ao indivíduo adulto. Os sentimentos dúbios em relação ao corpo, identidade sexual, relacionamentos, responsabilidade e escolha profissional são uma característica marcante dos adolescentes, que em decorrência disto são muitas vezes intitulados de rebeldes ou desinteressados.

A sexualidade, teoricamente, inicia-se durante a adolescência, influenciada pelo despontar dos hormônios, onde aflora a curiosidade para experimentar o corpo. Surge motivada por uma elaboração social que a exalta e pela influencia dos grupos e pares. Caracteriza-se pela busca de prazeres e a satisfação dos desejos do corpo, não apenas os sexuais.

Durante essa fase, a sexualidade é confundida com genitalidade, sendo esta última relacionada apenas ao prazer genital, advindo dos órgãos sexuais. A primeira, por sua vez, engloba todas as expressões afetivas e sexuais que influenciam o pensar, o sentir, o agir e o interagir, estando diretamente ligada à saúde física e mental de cada ser vivente. Desta forma, a expressão de uma sexualidade saudável durante a adolescência contribui para o estabelecimento de relacionamentos e sentimentos saudáveis durante a fase adulta (PEDROSA; CASTRO; PEREIRA, 2012).

Entretanto, verifica-se que o desabrochar da sexualidade vem sendo vivenciado pelos adolescentes de maneira emocionalmente empobrecida, ora associado a imagens terroríficas, ora exercido de maneira impulsiva e despreocupada (PONTES et al., 2010).

Ademais, a prática sexual na adolescência muitas vezes tem sido relacionada a uma conduta errada, que tem como punição a gravidez precoce ou uma doença sexualmente transmissível (DST), o que advém do conceito social que determina a sexualidade no período da adolescência como um comportamento de risco (PONTES et al., 2010).

Por outro lado, o exercício da sexualidade de maneira irresponsável e desenfreado vem sendo desvelado pelo o elevado número de partos entre as adolescentes, o início cada vez mais precoce das relações sexuais e o aumento das DST/Aids nessa faixa etária (QUEIROZ et al., 2010).

Esses conceitos errôneos, que culminam em uma prática equivocada da sexualidade, advém do desconhecimento dos métodos corretos para exercer a sexualidade de forma segura. A Lei de nº 60/2009 estabelece a necessidade de trabalhar a educação sexual no meio escolar em todo o território nacional, contudo, ainda verifica-se que a maioria dos adolescentes desconhece sobre o assunto (SILVA et al., 2013).

A gravidez na adolescência se caracteriza como uma das consequências desse fato, a qual gera implicações negativas, desde o absenteísmo escolar, instabilidade de trabalho e vida familiar, com conseqüente vulnerabilidade social (SCHIRO; KOLLER, 2013). Tais implicações, na maioria das vezes, são associadas apenas a menina, que se torna a única responsável em acolher as conseqüências da gravidez precoce, enquanto o menino se isenta da situação (PONTES et al., 2010).

Porquanto, a menina se torna alvo do preconceito social que a determina culpada pela sua situação desafortunada, devendo esta aceitar uma vida futura com pouca ou nenhuma perspectiva. Pois, ao passo que ela se torna a única responsável pelo cuidado e acompanhamento do filho, para o menino a gravidez associa-se apenas a necessidade de trabalho, alimentando assim o imaginário social que ainda relaciona a paternidade apenas com a provisão material.

3.2 A Paternidade Adolescente

A paternidade na adolescência ainda se mostra de maneira muito silenciada no extrato social, ao passo que a gravidez na adolescência tem sido alvo de preocupações em demasia, demonstrando assim, uma desconsideração do papel do pai nesse fenômeno e suas necessidades.

No entanto, a gravidez não é mais um evento exclusivo da mulher, principalmente após a era moderna, onde homem e mulher já possuem responsabilidades iguais frente à família (MEINCKE et al., 2011).

Dessa forma, surge a necessidade de incentivar a construção social da paternidade, especialmente na adolescência, pois este evento prematuro pode se tornar fator de risco para um crescimento e desenvolvimento saudável desse adolescente (BUENO et al., 2012).

É bem verdade que durante a adolescência somente a menina se expõe aos riscos biológicos decorrentes da gravidez, mas a vulnerabilidade psíquica dessa experiência e as alterações sociais, tanto devido às mudanças na formação educacional quanto à inserção prematura no mundo do trabalho e ao distanciamento do grupo de amigos são vivenciados por ambos (LUZ; BERNL, 2010).

No interior do paternar eclodem inúmeras repercussões à vida do adolescente que, a princípio, encontra-se em um período de intensa instabilidade emocional e financeira, acarretando em grande parte mudanças prejudiciais ao adolecer, dentre elas, a evasão escolar, a imposição de uma vida conjugal e o desarranjo nas relações sociais (MELO et al, 2012).

Para Melo et al (2012), o abandono dos estudos, que acontece com o objetivo de buscar sustento para o filho, se destaca como uma alteração determinante, pois a evasão escolar é um fator que pode impedir o crescimento intelectual e a expectativa de um futuro promissor.

Ainda, a vida conjugal em algumas vezes se torna uma imposição, que se configura mais uma adaptação oriunda do processo da paternidade. Essa sobreposição de adaptações, juntamente com a imaturidade do casal pode fazer com que esses relacionamentos se tornem difíceis e negativos para a criação do filho que está por vir (LUZ; BERNL, 2010).

As relações sociais do adolescente também são afetadas, pois devido às responsabilidades assumidas e consequente restrição da liberdade, o pai tende a se afastar dos amigos, fazendo com que participe em menor frequência de atividades de recreação e lazer (GONTIJO et al., 2011).

No entanto, apesar da paternidade na adolescência acompanhar sentimentos negativos, relacionados à súbita adaptação ao novo estilo de vida e a renúncias impostas pela nova responsabilidade, constitui um cenário propício para a reflexão do comportamento e a tomada de atitudes, direcionando assim, o adolescente para um amadurecimento necessário a sua atual condição de pai (MELO et al., 2012).

Dessa forma, a paternidade durante a adolescência nem sempre é vivenciada como um acontecimento negativo, assim como nem sempre os pais jovens são incapacitados psicologicamente para assumirem tal papel. Especialmente quando o apoio familiar se faz presente, visualiza-se que eles podem ser bons pais, independente da fase de transição pela qual estão passando (HENN; PICCININI, 2013) (PAULA et al., 2011).

Nesse pensar, os adolescentes vêm modificando o paradigma social que os intitula apenas como provedor do sustento e assumindo um papel integral na vida do filho. No entanto, não vem encontrando o suporte necessário, pois em decorrência da imaturidade ainda presente, necessitam de aprendizado para o cuidado, acompanhamento e desenvolvimento de um indivíduo completamente dependente dele. Para a faixa etária adolescente, que normalmente ainda é dependente dos pais, é difícil compreender a realidade de agora ser ele, o responsável por uma vida. Assim sendo, o apoio familiar é imprescindível para o desenvolvimento de uma paternidade saudável e responsável.

3.3 A Assistência Familiar, Social e de Saúde

A família é o primeiro contato social que o indivíduo vivencia, onde este adquire valores e começa a formular sua identidade por meio da experimentação de regras incluídas no processo de coletivização. Assim, o contexto familiar constitui alicerce para as demais relações vivenciadas, posteriormente, no âmbito comunitário.

Nessa conjuntura, o apoio familiar a um adolescente que vivencia a paternidade pode se configurar como fator protetivo às mudanças impostas por essa nova experiência, pois representa a construção e manutenção da sustentabilidade emocional, social e financeira do adolescente (BUENO et al., 2012).

Uma vez que uma estrutura familiar de modelo tradicional, com a existência do vínculo paterno, influencia a forma de o adolescente encarar a paternidade, pois este encontra em seu genitor sua referência paterna. Todavia, grande parte dos pais adolescentes advém de uma família de frágil vínculo com os genitores, fato que acarreta ao adolescente vulnerabilidades psicológicas ao exercer o papel de pai (CARRARO et al., 2011) (PAULA et al., 2011).

Atrelado a isso, muitas famílias se recusam em aceitar a nova situação, em razão de que tal acontecimento não é esperado para a fase de desenvolvimento na qual seus filhos se encontram. Contudo, a aceitação na maioria das vezes, logo acontece em decorrência do sentimento de impotência em relação à situação ou mesmo pela chegada do novo membro (MELO et al., 2012).

Logo, a aceitação familiar, além do apoio financeiro, transmite segurança ao adolescente, pois é através do repasse de informações e orientações quanto aos cuidados, em relação à paternidade, que ocorrerá a redução da insegurança do adolescente, contribuindo, dessa forma, para a sua capacitação psicológica para assumir a nova realidade (BUENO et al., 2012).

Conforme Paula et al (2011), o apoio familiar favorece a continuidade dos estudos, visto que o adolescente não precisará ausentar-se da escola para buscar o sustento do filho. Portanto, fica evidente a importância do apoio familiar durante o fenômeno do paternar na adolescência. Contudo, o adolescente necessita de uma rede social de apoio, com outras possibilidades de suporte, a qual possa recorrer (BUENO et al., 2012).

Dessa forma, é imprescindível que o pai adolescente receba apoio tanto dos familiares, como também dos amigos e dos serviços de saúde, para que vivencie a paternidade da maneira mais saudável possível (CORRÊA et al., 2013).

Dentro dessa rede de apoio se destaca o profissional de saúde, especificamente o enfermeiro da atenção básica, que tem em sua função a capacidade de inserção e intervenção nas comunidades (GURGEL et al., 2010). Pois para garantir o suporte ao pai adolescente o profissional precisa estar envolvido no contexto social e familiar do mesmo, a fim de conhecer o processo de desenvolvimento e suas vulnerabilidades e assim, promover uma assistência adequada durante a paternidade (MELO et al., 2012).

Porquanto, o pai adolescente carece da mesma assistência que é oferecida a gestante durante o pré-natal, pois ambos estão enfrentando uma situação não pertencente a sua fase de desenvolvimento e necessitam de informações diferenciadas para lidarem com a nova realidade.

Diante disso, o acesso aos serviços de saúde deve acontecer de forma igualitária entre o pai e a mãe adolescente. Não obstante, o homem, não apenas o adolescente, muitas vezes é excluído da assistência à saúde e do acompanhamento da gestação, fato este decorrente de um conceito social perverso que desconsidera as necessidades do pai, como também sua importância na vida do filho que está por vir, contribuindo assim, para a despersonalização da paternidade (LUZ; BERNL, 2010). Tal realidade é evidenciada quando se busca informações sobre os pais no serviço de saúde e se percebe um parcial, ou até mesmo total desconhecimento dessas informações (GONTIJO et al., 2011).

Essa circunstância sugere um direcionamento de atenção para essa questão, dada a real importância do pai na criação dos filhos. A partir daí cabe ao profissional enfermeiro direcionar a assistência de saúde também ao pai adolescente, a fim de contribuir para a valorização da paternidade e para a minimização dos aspectos negativos deste evento.

O pré-natal do parceiro é uma estratégia adotada pela Coordenação Nacional de Saúde dos Homens, que tem como objetivo fortalecer os vínculos do homem com o serviço de saúde. A sua presença na consulta pré-natal deve ser incentivada, pois representa uma oportunidade para a prestação da assistência a saúde do homem, além do que, tem o intuito de prepara-lo para o exercício da paternidade ativa e gerar vínculos afetivos saudáveis (PORTAL DA SAÚDE, 2014).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo do Estudo

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com uma abordagem qualitativa. As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas particularidades mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionário e a observação sistemática (GIL, 2010).

De acordo com Minayo (2008), o método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmo, sentem e pensam.

4.2 Local e Período de Realização do Estudo

O estudo foi realizado no período de setembro de 2014 a junho de 2015 no município de Picos, que fica situado na região centro-sul do estado do Piauí. Possui uma população estimada em 73.414 habitantes conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2010).

Para alcançar os sujeitos da pesquisa as Unidades Básicas de Saúde (UBS) se constituíram como o espaço de escolha, através das adolescentes gestantes que iniciaram as consultas de pré-natal, as quais serviram de ligação entre o pai adolescente e o pesquisador, visto a dificuldade de contactar diretamente os pais adolescentes, que usualmente não frequentam os serviços de saúde.

Segundo informações colhidas na Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Picos, o município conta com 36 UBS, e dessas, 25 estão localizadas no perímetro urbano e 11 no perímetro rural. Dentre essas, a pesquisa teve como enfoque de desenvolvimento as UBS localizadas no perímetro urbano, visto a dificuldade de acesso à zona rural.

4.3 Sujeitos da Pesquisa

Participaram como sujeitos da pesquisa oito adolescentes, número delimitado após a visualização de saturação nos discursos, com a faixa etária entre 15 a 18 anos que estavam vivenciando a paternidade e que aceitaram participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) ou, quando menor de 18 anos, do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D), juntamente com a autorização escrita do seu responsável.

Como critérios de inclusão para a escolha dos sujeitos foram utilizados adolescentes entre 12 a 18 anos, que estivessem vivenciando a paternidade, após o nascimento do filho, ou ainda com a companheira grávida. Foram excluídos os sujeitos maiores de 18 anos, como também aqueles que experimentaram a paternidade durante o período da adolescência, mas que no momento da entrevista, não contemplavam mais a faixa etária do estudo.

A busca pelos sujeitos teve como porta de entrada as UBS do município de Picos. Em seguida, eles foram contactados através do auxílio da parceira durante a consulta de pré-natal e/ou através da ajuda dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) da unidade.

4.4 Coleta de dados

A coleta de dados foi mediada por entrevistas semiestruturadas, realizadas durante o mês de fevereiro a maio de 2015, auxiliadas por um gravador, visando um maior desprendimento do entrevistado. Estas aconteceram majoritariamente na residência dos sujeitos, ocorrendo apenas uma no serviço de saúde, atendendo a disponibilidade que os mesmos tinham para responder ao questionário, entretanto preservando as recomendações quanto aos ruídos e interrupções.

Para a realização da entrevista foi utilizado um instrumento semiestruturado (APÊNDICE A), organizado de forma a conter um cabeçalho com vistas a traçar o perfil socioeconômico dos entrevistados, com posteriores perguntas subjetivas, que visavam alcançar os objetivos da pesquisa.

A entrevista semiestruturada é aquela que possui tópicos ou questões amplas que precisam ser abordadas durante a entrevista. Assim, o entrevistador utiliza um guia de entrevista para garantir que todos os aspectos sejam contemplados e deve encorajar os participantes a falarem livremente sobre todos os tópicos listados (POLIT; BECK, 2011).

Os adolescentes entrevistados foram identificados por números, relacionando a ordem cronológica da entrevista, no intuito de não expor a identidade do pai adolescente, cumprindo-se o sigilo da pesquisa.

4.5 Análise dos dados

Uma possibilidade de análise de dados é a Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (2010), é um conjunto de técnicas de análise e investigação do conteúdo das falas que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo das falas, tem como propósito a interpretação deste conteúdo.

Objetivando organizar as respostas obtidas na fase exploratória, realizou-se a leitura flutuante, que consiste em conhecer e analisar o texto de todas as perguntas do roteiro da entrevista, com o intuito de obter uma visão global das informações. Em seguida foi feita uma análise detalhada com um processo de codificação.

O processo de codificação consiste na organização do material em blocos ou segmentos de texto antes de atribuir significado às informações (BARDIN, 2010). A partir dessa codificação foi analisado o perfil socioeconômico dos pais adolescentes e, em seguida, construída as categorias para análise, a saber: percepções do adolescente frente à paternidade; dificuldades encontradas durante a paternidade; apoio dos serviços de saúde e ações de enfermagem ao pai adolescente. Após a codificação, os dados foram analisados e comparados com base na literatura estudada e referenciada.

4.6 Aspectos éticos e legais da pesquisa

Inicialmente esta proposta foi encaminhada a SMS de Picos que autorizou a coleta de dados no referido município, através da Autorização Institucional

(ANEXO B). Em seguida, a proposta de pesquisa foi conduzida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (CEP UFPI), com vistas a atender às recomendações éticas da pesquisa envolvendo seres humanos (autonomia, não maleficência, beneficência e justiça) expressas na Resolução Nº 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), aprovada com o parecer nº 886.210 (ANEXO A).

Em conformidade com as Diretrizes e Normas da pesquisa com seres humanos, todos os participantes tiveram assegurado o direito de desistir da pesquisa em qualquer momento. Foi garantido o anonimato e liberdade para participar do estudo, acarretando riscos mínimos. Para isso os mesmos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C), assegurando a coleta de dados com segurança.

Foram ainda incluídos nesse termo, em uma linguagem acessível, necessariamente alguns aspectos como: a justificativa, os objetivos e os procedimentos que foram utilizados na pesquisa, os desconfortos e riscos possíveis e os benefícios esperados, a garantia do esclarecimento, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia.

Após os esclarecimentos, foram assinados os TCLE pelos responsáveis dos adolescentes com idade inferior a 18 anos (APÊNDICE B), sendo que os adolescentes que já alcançaram a maior idade, não necessitaram da assinatura do responsável, assinando assim, seu próprio TCLE (APÊNDICE C). No caso dos adolescentes com idade inferior a 18 anos, além da assinatura do TCLE pelos responsáveis, os adolescentes ainda assinaram o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) (APÊNDICE D), após terem recebido informações sobre a pesquisa e seus objetivos.

A pesquisa, em alguns momentos, acarretou constrangimento ao adolescente durante a entrevista, o qual se sentiu intimidado ou envergonhado, visto que a paternidade na adolescência, muitas vezes, é sinônimo de irresponsabilidade. Esse constrangimento foi minimizado através do estabelecimento de um diálogo acessível e da escolha de um ambiente reservado, de preferência do sujeito.

Esta pesquisa não causou benefícios diretos ao pesquisado, porém trouxe maior conhecimento e familiaridade sobre o tema abordado, podendo subsidiar melhorias na prática assistencial de enfermeiros na atenção básica de saúde, voltadas para o advento da paternidade na adolescência.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados referem-se à consolidação dos dados coletados por meio do roteiro de entrevista semiestruturada, aplicada a oito adolescentes que vivenciavam a paternidade.

Para a exploração dos resultados foi traçado, inicialmente, o perfil socioeconômico dos adolescentes, identificando aspectos referentes à idade, estado civil, tempo de relacionamento com a companheira, escolaridade, vínculo empregatício, renda familiar, religião e com quem mora. Em seguida, foram abordadas as percepções e as dificuldades dos adolescentes frente à paternidade e o apoio dos serviços de saúde, bem como as ações de enfermagem destinadas ao pai adolescente. Cada item foi expresso, individualmente, em categorias.

5.1 Perfil socioeconômico dos pais adolescentes

As tabelas abaixo apresentam as características socioeconômicas dos oito adolescentes entrevistados, as quais favorecem o entendimento e contextualização das percepções atribuídas pelos adolescentes à paternidade.

Tabela 1 - Caracterização do perfil socioeconômico da amostra. Picos – PI, 2015

Variáveis	n
Idade	
15	1
16	2
17	2
18	3
Estado Civil	
Solteiro	3
União Estável	5
Tempo de Relacionamento	
1 ano	1
2 anos	1
3 anos	2
4 anos	2
5 anos	1
Nenhum	1
Escolaridade	
Ensino fundamental completo	2
Ensino fundamental em andamento	4
Ensino médio completo	1

Ensino médio em andamento	1
Vínculo empregatício	
Jovem aprendiz	3
Empregos informais	2
Nenhum	3
Religião	
Católica	3
Protestante	2
Umbanda	1
Nenhuma	2
Com quem mora	
Mãe e parceira	2
Irmão	1
Pais e parceira	1
Pais	1
Parceira	2
Avó	1
Renda familiar	
7.880,00	1
3.940,00	1
1.576,00	2
800,00	1
788,00	1
500,00	1
400,00	1

Fonte: A autora.

De acordo com a Tabela 1, pode-se perceber que a faixa etária dos adolescentes variou de 15 a 18 anos, predominando a idade de 18 anos. Tal resultado se assemelha a outros estudos onde a faixa etária predominante foi a de 17 a 19 anos (BORDIGNON et al., 2013; BUENO et al., 2012; GONTIJO et al., 2011; MEINCKE et al., 2011; LUZ; BERNL, 2010).

Quanto ao estado civil, dos oito adolescentes, cinco declararam, no momento da entrevista, vivenciar uma união estável com as mães de seus filhos. Dos três que estavam solteiros apenas um não possuía um relacionamento com a mãe do bebê. Entre os adolescentes que mantinham um relacionamento, o tempo médio foi de 3,14 anos, demonstrado que a gravidez não adveio de um relacionamento passageiro, comum nessa faixa etária. Esses dados vão ao encontro da pesquisa realizada por Bueno et al (2012), na qual a maioria dos adolescentes vivia com a companheira, sendo a mesma a mãe de seus filhos.

Nesse estudo, a evasão escolar não foi uma característica marcante entre os adolescentes, pois cinco deles ainda frequentavam a escola, e dos três que não

estudavam, um já havia concluído o ensino médio. Assim, apenas dois abandonaram os estudos após a conclusão do ensino fundamental, contradizendo o que normalmente ocorre com a maioria dos adolescentes pais. Bordignon et al (2013), por exemplo, verificaram que após o advento da paternidade, apenas 17,39% dos adolescentes referiram manter vínculo com alguma instituição educacional.

Ressalta-se, no entanto, que entre os cinco adolescentes que frequentavam a escola, apenas um estava cursando o ano escolar esperado para a sua faixa etária, o que possivelmente demonstra a influência negativa do acontecimento da paternidade no desempenho escolar.

Outros autores também evidenciaram a paternidade relacionada à escolaridade inadequada para a faixa etária, caso do estudo de Gontijo et al (2011), onde 80% dos estudados encontravam-se em ano escolar inferior ao adequado para sua idade. Em contrapartida, Melo et al (2012) verificaram que a paternidade não influenciou o desempenho escolar, pois a maioria dos entrevistados encontravam-se concluindo o ensino médio, com planos futuros para inserção na faculdade. Esses estudos mostram a divergência em relação a influência da paternidade no acontecimento da baixa escolaridade entre os adolescentes.

Em relação ao vínculo empregatício, três adolescentes referiram não possuir nenhum, enquanto cinco se encontravam trabalhando. Sendo três destes, por meio do Programa Jovem Aprendiz, e dois através de empregos informais. Tendo em vista a necessidade de renda para o sustento do filho. Corroborando com a pesquisa de Luz e Berni (2010), onde 87,5% dos adolescentes exerciam alguma atividade remunerada, embora informal. Divergindo neste último aspecto dos resultados aqui encontrados, pois vemos uma diminuição desses empregos informais diante da Lei 10.097/2000, ampliada pelo Decreto Federal nº 5.598/2005, que tornou obrigatória para empresas de porte médio e grande a contratação de trabalhadores aprendizes, adolescentes entre 14 e 18 anos incompletos.

No quesito religião três adolescentes declararam-se católicos, dois protestantes, um umbandista e ainda, dois mencionaram não possuir nenhuma religião. Dessa forma, constata-se que apesar da maioria dos entrevistados declararem-se católicos, a paternidade na adolescência acontece em diversas religiões.

No extrato, vale ressaltar que apesar do zelo e o prezar da castidade antes do matrimônio a ocorrência da paternidade entre os adolescentes protestantes se mostrou significativa. No entanto, é importante salientar que o adolescente vivencia um processo de criação de identidade, com seus princípios ainda em formação, justificando a quebra das regras no fato de não possuir uma própria denominação religiosa, pois a mesma muitas vezes ainda advém de seus pais.

Quando questionados sobre as pessoas que moravam no domicílio foi encontrado diversos arranjos familiares. De forma que, apenas dois dos adolescentes em estudo declararam residir somente com a companheira, mãe de seu filho e que isso se deu somente após a descoberta da gravidez. Outros dois referiram também residir com a companheira, mas na companhia de outros familiares, sendo em um caso a mãe e no outro os pais. Houve três que não moravam com a companheira, destes, um residia com os pais, outro com a avó e o último com o irmão, destacando que do total de adolescentes estudados, somente dois moravam com o pai.

Esse achado equipara-se ao resultado encontrado no estudo de Carraro et al (2011) em que 35% dos pais desses adolescentes eram separados e quando indagados sobre o pai, 63,3% relataram apenas informações superficiais, em decorrência do pouco ou nenhum contato com o genitor.

Demonstrando que a ausência da figura paterna pode estar relacionada a uma desestruturação familiar que ocasionou a tomada de atitudes impensadas ao exercer uma sexualidade de maneira precoce e desprotegida, o que culminou na paternidade adolescente. Além do que, a composição desses novos arranjos familiares, diferente do núcleo familiar tradicional, tende a influenciar a construção da personalidade do adolescente, com implicações negativas durante o curso de sua formação.

Quanto à renda familiar, os adolescentes que moravam com familiares apresentaram uma renda média de 2.712,00 reais, enquanto os que moravam somente com a parceira declararam uma renda média de 594,00 reais. Tal fato revela que, por mais que a renda familiar de alguns adolescentes se apresentasse alta, esse quantitativo advinha dos outros membros da família, visto que os que residiam com a parceira apresentaram renda menor que um salário mínimo e ainda recebiam ajuda financeira dos pais.

Dessa forma, nota-se que apesar do adolescente exercer uma atividade remunerada, essa remuneração apresenta-se baixa e, isso pode ser compreendido em função da inabilidade para o mercado de trabalho, representada pela capacitação deficiente e pela baixa escolaridade ainda presente nessa faixa etária.

Resultado semelhante foi encontrado na pesquisa de Meincke et al (2011), na qual apontou que a renda mensal da maioria dos pais adolescentes entrevistados foi inferior a um salário mínimo e que estes possuíam ajuda da família para a manutenção do lar.

5.2 Categoria 1: Percepções do adolescente frente à paternidade

A paternidade na adolescência se configura um evento não esperado pra essa faixa etária, por isso pode gerar conflitos psicológicos nos envolvidos. Até porque, a adolescência por si só já se caracteriza como uma fase de vários conflitos e a sobreposição desses conflitos pode ser prejudicial para um adolescer saudável. Dessa forma, o presente estudo buscou conhecer as percepções de adolescentes que vivenciaram a paternidade, com o intuito de adquirir conhecimentos para subsidiar uma assistência de qualidade para esses adolescentes.

Os sentimentos vivenciados com a descoberta da gravidez foram organizados em três linhas de compreensão, assim representadas: quatro adolescentes referiram sentimentos como susto e medo, enquanto três se reportaram a esse evento como um acontecimento normal e apenas um mencionou sentir raiva, como pode ser visto nas falas a seguir:

“Susto, me assombrei, fiquei nervoso, passei três dias sem dormir... Mas depois veio a alegria, a alegria de ficar sabendo que eu vou ter um filho, mas a primeira reação foi medo, me assombrei, me assustei, não tinha o que falar né.”
(Adolescente 2)

“Eu fiquei surpreso [...]” (Adolescente 4)

“Eu fiquei um pouquinho assustado [...]” (Adolescente 1)

“Fiquei com medo [...]” (Adolescente 3)

“Normal, foi normal [...] (Adolescente 6, 7, 8). [...] Eu já sou um cara preparado pro mundo, tá entendendo. Eu não fiquei tão apavorado não, eu fiquei só assim, meio sem acreditar, mas passou, fiquei muito feliz. Eu ainda continuo feliz, e é isso... tá aí vivendo. Pra mim, graças a Deus, tá tudo normal, eu até agora não vi nada pra me assustar não.” (Adolescente 8)

“Eu fiquei só com raiva, num tem. Eu fiquei com raiva, mandando ela abortar e ela não queria não, só isso [...]” (Adolescente 5)

Os discursos acima indicam a presença de sentimentos diferentes sobre a descoberta da paternidade. Para a maioria dos adolescentes ficou evidente os sentimentos como susto e medo, pois o fenômeno da paternidade estabelece sentimentos negativos, como: renúncia, susto, constrangimento e desagrado, em decorrência de uma súbita adaptação para o enfrentamento de uma nova realidade (MELO et al., 2012).

Para Luz e Berni (2010), os adolescentes mesmo sabendo do risco de gravidez sem o uso de métodos contraceptivos durante as relações sexuais e mesmo diante de indícios da gestação, sempre vivenciam um impacto inicial com a confirmação da gravidez.

Esse choque inicial fornece a assimilação da gravidez e das consequências que estão por vir, com posterior aceitação, na maioria dos casos, fato evidenciado na fala a seguir:

“Hoje eu tô mais tranquilo. Porque eu já tenho casa, que meu pai me ajudou a comprar, transporte, eu trabalho.” (Adolescente 3)

A aceitação, como visualizada no discurso, decorreu da presença de uma estabilidade financeira, que outrora não existia. Dessa forma, o susto inicial pode estar relacionado à incapacidade financeira de exercer o papel de pai, como provedor da família.

Ainda, para alguns adolescentes a vivência da paternidade configurou-se como um acontecimento normal, discurso este, que pode estar relacionado à

existência de um vínculo empregatício anterior, com a ajuda financeira dos pais ou até a ausência destes:

“Dificuldade mesmo, graças a Deus, até agora nenhuma né, até hoje. Já trabalhava, nunca minha família me deixou e nem vai deixar.” (Adolescente 8)

“A minha vida vai ser... acho que vai ser até melhor, porque agora eu vou ter uma família.” (Adolescente 7)

Constata-se então que a presença de uma fonte de renda diante da paternidade precoce faz com que o adolescente se sinta seguro e capacitado para assumir tal responsabilidade.

A desestruturação familiar também pode ser um fator contribuinte para a aceitação da paternidade de uma maneira positiva, porquanto o adolescente busca obter com a nova situação, a família que nunca teve. Ele tem a intenção de compensar a falta que sente do pai, estando presente na criação do filho, sendo o pai que ele sempre quis ter:

“[...] fez aumentar a minha vontade de mudar. De querer ser alguma coisa na vida, pra poder dar pra ele a infância que eu não tive, ter uma família (...) vou ter que ficar em casa, com meu filho, com ela [...]” (Adolescente 7)

O sentimento de raiva com a descoberta da gravidez se mostrou presente em apenas um dos participantes. Como visto, no discurso, o aborto pode se configurar uma consequência da não aceitação da gravidez pelo parceiro. A influência do mesmo pode culminar na concretização do aborto ou na ruptura da relação, quando a gestante não aceita o sugerido.

O sentimento de raiva, nesse caso, pode estar relacionado ao acontecimento da gravidez durante um relacionamento efêmero e a dúvida da paternidade, como visto no discurso a seguir:

“Usamos preservativo, num tem... camisinha... eu não sei como esse menino surgiu não, por isso que fizemos o DNA.” (Adolescente 5)

Porquanto se torna difícil consentir com o acontecimento da gravidez quando esta acontece no início do relacionamento amoroso, visto que nesse momento os laços afetivos ainda não são suficientemente fortes para planejamentos futuros (LUZ; BERNL, 2010).

No relato dos adolescentes, quase em sua totalidade, ficou evidenciado que o significado da paternidade foi atribuído a obtenção de responsabilidade e a necessidade de trabalhar:

“Ter responsabilidade [...]” (Adolescente 1, 4, 6, 7)

*“É isso aí, ter mais responsabilidade, assumir, fazer papel de homem [...]”
(Adolescente 8)*

*“Acima de tudo, colocar o filho na frente. Trabalhar pra ele, cuidar bem.”
(Adolescente 3)*

Predominou nestas falas a necessidade de crescer, de deixar o mundo da adolescência e adentrar no mundo dos adultos, cheio de responsabilidades e obrigações, como evidenciado no discurso a seguir:

“[...] Porque quando a gente é jovem, a gente vive num mundo de ilusão. Quando a gente passa, por exemplo, por uma dessas, a gente passa pra realidade de enfrentar a vida dia após dia [...]” (Adolescente 8)

Em contrapartida, em um estudo realizado por Luz e Bernl (2010), os adolescentes atribuíram significados diferentes a paternidade. Para eles a paternidade significou assumir um comportamento que consideram relativo ao ser pai, predominando o conceito referente a estar presente, acompanhar o desenvolvimento do filho.

Além dessas definições, os adolescentes atribuíram à paternidade a capacidade de provocar mudanças positivas, ao passo que favorece o amadurecimento e a reflexão, na busca de um futuro melhor:

“[...] Em certa parte, me ajudou porque eu tomei rumo na vida, antigamente eu não queria saber de estudos, só queria tá em farra. Depois que eu consegui minha família, mudou... mudou pra melhor.” (Adolescente 3)

A paternidade na vida de um adolescente constitui um momento para parar e refletir acerca dos comportamentos vividos. Significa o abandono de condutas inconsequentes e a busca de um futuro digno para o filho (GONTIJO et al., 2011).

5.3 Categoria 2: Dificuldades encontradas durante a paternidade

Com a paternidade, os adolescentes são obrigados a se submeterem a mudanças em seu cotidiano, decorrentes da nova realidade. Essas mudanças impostas, muitas vezes se sobrepõem à capacidade de adaptação do adolescente e podem se configurar em dificuldades vivenciadas.

Os sujeitos da pesquisa destacaram diversos obstáculos a que foram submetidos após a descoberta da paternidade, dentre eles a preocupação com o sustento e cuidado do filho, os empecilhos para a obtenção de emprego e a perda de liberdade para sair, além da vergonha como um desafio a ser enfrentado.

O sustento do filho foi a principal preocupação do pai jovem, como evidenciado no discurso a seguir:

“A única dificuldade que eu vejo é a questão do trabalho que eu não tenho, pra menor de idade.” (Adolescente 7)

A presença de um vínculo empregatício parece determinar o exercício da paternidade, o qual implica em responsabilização financeira (MEINCKE et al., 2011). No entanto, o adolescente encontra obstáculos durante a busca do emprego, pois conforme o Art. 403 da lei 10.097/00 é proibido qualquer trabalho a indivíduos menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir dos quatorze anos. Assim, a obtenção do emprego se torna difícil e o processo da procura, muitas vezes desestimulador para o pai adolescente.

É visto que, o trabalho também se torna uma dificuldade por não ser uma experiência comum durante a fase da adolescência, onde naturalmente predomina

somente o estudo. A partir da vivência da paternidade o trabalho passa a ser uma imposição atípica, como evidenciada na fala que segue:

“É... dificuldade é pra comprar as coisas, essas coisas assim, do dia a dia do menino que é meio pesado, a pessoa tem que trabalhar e tal.” (Adolescente 4)

Esse achados corroboram com o estudo de Gontijo et al (2011) onde os adolescentes retrataram o trabalho como um empecilho a continuação dos estudos, pela necessidade de abandonar a escola para trabalhar, com o intuito de adquirir independência financeira dos pais.

Além do aspecto financeiro, o adolescente refere preocupação em relação ao cuidado com o bebê:

“[...] A pior de todas (dificuldades) é quando ele adoecer (...) a preocupação é muito grande.” (Adolescente 3)

Preocupar-se com o filho em relação ao que fazer em certas situações, o tipo e a forma de cuidado a ser dispensado é uma constatação comum no cotidiano dos pais adolescentes, justificado pela ausência de um conhecimento resultante da imaturidade ainda presente.

Melo et al (2012) destacam que essas preocupações estão relacionadas a uma insegurança resultante da pouca idade e da carência de informações em relação a própria ocasião da paternidade.

A vida social do adolescente também passa por processos de mudanças após a paternidade. Naturalmente ele perde a liberdade de sair, encontrar-se com os amigos e se divertir:

“[...] Festas que eu poderia ir, agora não vai dá pra ir, diminuir os gastos, saidinha direto.” (Adolescente 2)

Essas perdas são percebidas pelos adolescentes como uma consequência do ganho de responsabilidades e da ascensão para uma vida adulta. Para Gontijo et al (2011), a decisão de abdicar dessa liberdade muitas vezes advém

dos próprios adolescentes, ao vivenciarem a satisfação com a experiência de ser pai ou até mesmo por julgarem ser uma atitude correta.

No entanto, quando essa mudança é imposta, pode gerar frustrações que impedem a aceitação da paternidade e, conseqüentemente, geram conflitos para o exercício da mesma.

A vergonha, para um dos sujeitos do estudo, apresentou-se como um sentimento negativo e de difícil gerenciamento:

“[...] Eu não quero ser pai porque lá na igreja, num tem, as meninas souberam, só por causa disso [...]” (Adolescente 5)

Melo et al (2012) também encontrou resultados semelhantes. Entretanto, em seu estudo, a vergonha apresentou-se como o primeiro sentimento negativo demonstrado pelos pais adolescentes.

Contudo, nesse contexto, a vergonha não foi um sentimento corrente na existência da paternidade. Entende-se que, nesse discurso, ela aconteceu em resultância do descontentamento do sujeito com a paternidade e a resistência em aceita-la, na medida em que ela pode representar um fator limitante a novos relacionamentos.

Diante dessas mudanças no contexto social e das relações pessoais do adolescente, se torna imprescindível a construção de uma rede de apoio ao pai adolescente, para que ele possa vivenciar a paternidade sem que esta lhe acarrete conseqüências negativas.

5.4 Categoria 3: Apoio dos serviços de saúde e ações de enfermagem ao pai adolescente

Após a paternidade, o adolescente carece de alternativas que objetivem a redução das conseqüências negativas do evento e fortaleça os aspectos positivos. Nessa conjuntura, o serviço de saúde tem a responsabilidade de oferecer uma assistência humanizada ao pai, reconhecendo-o também como um protagonista da gravidez na adolescência.

Corrêa et al (2013), em um estudo com pais adolescentes, identificaram que a relação destes com a UBS era insatisfatória, assimilada pela pouca interação

entre ambos. No entanto, no presente estudo, quatro, dos oito adolescentes afirmaram frequentar a UBS durante as consultas de pré-natal das companheiras:

“De vez em quando [...]” (Adolescente 1)

*“Vou (as consultas). Só não vou quando não dá pra mim ir [...]”
(Adolescente 8)*

“Fui (as consultas). Pelo bem do meu filho.” (Adolescente 6)

“Fui todas (as consultas). Acho importante.” (Adolescente 4)

O interesse do pai aparece movido pela busca de informações acerca do filho, como também para satisfazer a vontade da companheira, como evidenciado no discurso a seguir:

“[...] Porque ela pede e eu procuro saber como está.” (Adolescente 1)

Apesar da pouca idade e do hábito inexistente do homem frequentar os serviços de saúde, os adolescentes se mostraram interessados em adquirir novos conhecimentos sobre a paternidade. Essa presença nas consultas, no entanto, pode relacionar-se ao fato do adolescente encontrar-se desempregado e com conseqüente tempo livre para acompanhar a parceira. Essa situação configura-se o contrário do que se percebe com a maioria dos adolescentes que trabalhavam e, portanto não acompanhavam suas companheiras às consultas:

“Não vou (as consultas). Não tenho tempo não.” (Adolescente 3)

Dessa premissa, partem os subterfúgios que reforçam o hábito dos pais não frequentarem o serviço de saúde, tornando-se assim um fato excepcional o homem procurar a unidade de saúde para receber assistência. À vista disso, os profissionais muitas vezes encontram-se despreparados para presta-la adequadamente.

Segundo Gontijo et al (2011), os profissionais dos serviços de saúde reconhecem a existência dessa lacuna na assistência aos pais adolescentes e que essa se dá principalmente porque a gravidez se evidencia visivelmente na mulher, fazendo com que passe despercebido à experiência dos pais e, na maioria das vezes, não surja uma preocupação por parte desses profissionais diante de tal realidade.

A inexistência dessa preocupação em relação às necessidades do pai foi verificada quando se questionou aos adolescentes que frequentavam as consultas de pré-natal sobre as orientações a eles dispensadas:

“Não recebi nenhuma orientação, só minha esposa.” (Adolescente 1)

“Não, ninguém falou nada não.” (Adolescente 6)

“Eu acho que é mais pra ela (companheira) né.” (Adolescente 8)

Percebem-se lacunas nos serviço de saúde no sentido de envolver o adolescente pai durante o pré-natal. No entanto, a sua presença deve ser estimulada durante as atividades de consulta e de grupo, com o intuito de preparar ambos os pais para o nascimento. O envolvimento do pai com a gestação, o parto, o nascimento e o puerpério constitui um momento propício para a formação de vínculos, além do que, contribui para a construção de conhecimentos (BRASIL, 2012).

Essa circunstância sugere um repensar de atitudes, ações e estratégias a serem desenvolvidas na atenção aos pais adolescentes, visto a importância do pai na criação dos filhos. Surge, então, a necessidade de inclusão dos pais adolescentes nos programas e políticas de promoção da saúde e do comprometimento dos enfermeiros em facilitar e integrar o adolescente na assistência ao pré-natal, com o intuito de valorizar a figura do homem e do cuidado paterno.

Os próprios adolescentes, quando questionados acerca da necessidade de orientação, revelaram carecer de uma assistência individualizada e comprometida com as dificuldades decorrentes de uma paternidade precoce:

“Deveria ter alguma coisa, porque é muita responsabilidade pra uma pessoa desse tamanho.” (Adolescente 6)

“Acho que sim, porque o pai fica todo atordoado, não sabe o que fazer... não sabe nada, de primeira vez assim, deveria ter mesmo.” (Adolescente 4)

O adolescente se vê como uma pessoa despreparada pra assumir tamanha responsabilidade, o que é evidenciado neste e em outros estudos (PAULA et al., 2011). Para eles, esse despreparo pode estar relacionado à questão de gênero, onde a mulher é única que possui os conhecimentos sobre esses assuntos e está preparada para repassar e receber tais informações:

“Pra mulher é mais fácil, a mãe sempre dá conselhos, essas coisas, aí pro pai é mais complicado.” (Adolescente 4)

No discurso acima, fica evidenciado o papel da mulher como detentora desse conhecimento. O adolescente refere que a menina tende a relacionar-se mais com a mãe, enquanto o menino com o pai, dando a entender que existe uma dificuldade em estabelecer um diálogo aberto entre pais e filhos em relação a esse fato. Igualmente, passa a percebido que da mesma forma que a menina recebe os conselhos da mãe, a mãe do adolescente poderia também repassá-los, no entanto, isso não acontece em decurso do preconceito social que determina à mulher a responsabilidade pela criação dos filhos e exalta a maternidade em detrimento da paternidade.

Diante do reconhecimento pelos próprios adolescentes dessas limitações presentes no exercício da paternidade, justificado pela busca de informações nos serviços de saúde, legitima-se a capacitação permanente dos profissionais da saúde, no sentido de promover ações que levem em consideração as peculiaridades específicas do pai adolescente (BORDIGNON et al., 2013).

Porquanto, o incentivo ao desenvolvimento do exercício da paternidade adolescente, quando esta já ocorreu, deve ser realizado, pois contribui tanto para o amadurecimento responsável do mesmo, como para a formação adequada da criança, que receberá um suporte de ambos os pais. Para tanto, esse incentivo deve

acontecer interligado a assistência, a qual possibilita ao adolescente o conhecimento para assumir responsabilidades que lhes são próprias.

Dessa forma, Gontijo et al (2011) acreditam que a paternidade na adolescência não deve ser contemplada nos serviços de saúde apenas como um acontecimento a ser evitado. Mas como uma oportunidade para a construção de saberes e práticas que possibilitem o empoderamento do “ser pai” por parte dos adolescentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou conhecer a percepção de adolescentes frente à realidade de paternidade precoce, identificando as dificuldades vivenciadas e a assistência de enfermagem prestada ao pai adolescente, imbuído pela necessidade de compreender a vivência desse fenômeno e, objetivando subsidiar estratégias para assistência de enfermagem a um indivíduo que, no momento, vivencia a sobreposição de dois períodos complicados: a adolescência e a paternidade o estudo tornou-se salutar.

Após a análise dos dados foi possível proceder à categorização dos sujeitos em adolescentes na faixa etária entre quinze a dezoito anos, que na maioria dos casos vivenciavam uma união estável com a mãe do seu filho. Prevaleceram adolescentes que frequentavam a escola sem, no entanto, estar no ano escolar adequado a sua idade, demonstrando, assim, a influência negativa que a paternidade exerceu no rendimento escolar dos adolescentes e o possível prejuízo que poderá acarretar a expectativa de um futuro promissor.

Ainda observou-se que a paternidade é abrangente e /ou transcende a diversas religiões. A maior parte referiu possuir algum vínculo empregatício e domiciliar em arranjos familiares diversos, com renda individual predominantemente baixa.

As principais percepções dos adolescentes em relação à paternidade foram expressas por susto e medo diante da notícia da gravidez, embora logo, contornados em sentimentos de alegria e satisfação com a nova realidade. A aceitação dessa nova condição se deu principalmente após a aquisição de suporte financeiro e pelo contentamento em ter uma família.

Os significados atribuídos à paternidade referiram-se majoritariamente a obtenção de responsabilidade e a necessidade de trabalhar, como também a um acontecimento propiciador de mudanças positivas, que culminam em um amadurecimento.

Os adolescentes identificaram dificuldades após a sua inserção no universo da paternidade. A preocupação com o sustento e cuidado do filho foi a mais presente, visto que o adolescente ainda possui fragilidades psicológicas e financeiras resultantes da pouca idade.

A privação do convívio social de outrora também foi evidenciada como uma dificuldade e relatada pelos sujeitos como uma consequência das responsabilidades assumidas. O sentimento de vergonha também foi exposto nessa conjuntura, mas não se revelou comum.

Essas dificuldades representam mudanças repentinas presentes no contexto social e das relações pessoais do adolescente. Por isso, se torna imprescindível a construção de uma rede de apoio ao pai adolescente, para que ele possa vivenciar a paternidade sem que esta lhe acarrete consequências negativas.

O presente estudo verificou também o comparecimento dos pais adolescentes as consultas de pré-natal e a inexistência de uma assistência de enfermagem direcionada à paternidade. Além do que, constatou a necessidade desse direcionamento da assistência, pois os próprios adolescentes relataram carecer de orientações, diante das limitações inerentes a sua faixa etária.

Sendo assim, é necessário que os profissionais enfermeiros criem estratégias para tornar atrativa a presença do pai durante as consultas de pré-natal, visando estabelecer um vínculo paterno ainda intrauterino para que, posteriormente, com a chegada da criança, a convivência se torne mais harmoniosa, não deixando de lado também as orientações práticas quanto ao cuidado com o filho.

Assim, justifica-se a capacitação e o incentivo aos profissionais enfermeiros para a promoção de uma assistência que contemple as necessidades peculiares do pai adolescente, com o intuito de protegê-lo das implicações negativas e capacita-lo para assumir as responsabilidades em paralelo à nova realidade.

Dessa forma, a realização dessa pesquisa revela-se importante, ao passo que oferece subsídios ao desenvolvimento de estratégias que visem à construção de uma assistência de enfermagem qualificada aos adolescentes que vivenciam a paternidade.

Ressalta-se que durante a execução do estudo foram encontradas algumas dificuldades. Dentre elas, destacou-se a dificuldade em contactar os adolescentes e a indisposição de alguns profissionais de saúde em colaborar com a pesquisa, como por exemplo, quando omitiram informações e recusaram-se a auxiliar na busca dos adolescentes. A escassez de literatura atualizada e direcionada ao tema inviabilizou uma maior fundamentação e enriquecimento do estudo. Assim sendo, comprova-se a necessidade do desenvolvimento de mais pesquisas que enfoquem o pai adolescente.

REFERÊNCIAS

- ANGELO, Maurício. Pré-natal do parceiro incentiva homens a cuidarem da saúde. **Portal da Saúde**, Brasília, 20 nov. 2014. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/sas/sas-noticias/15730-pre-natal-do-parceiro-incentiva-homens-a-cuidarem-da-saude>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- BARDIN, L. **Análise** de Conteúdos. São Paulo: Edições 70, 2010.
- BORDIGNON, S. S. et al. Aspectos educacionais e a parentalidade na adolescência. **R. pesq. cuid. fundam. online**, v. 5, n. 1, p. 3285-92, jan./mar. 2013.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. *Bioética*, v.4, n.2, supl., p. 15-25, 2012.
- _____. **Lei nº 60/2009, de 6 de agosto de 2009**. Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar. *Diário da República*. Brasília, DF, 1.ª série, n. 151, p. 5097-5098, 6 de Agosto, 2009.
- _____. **Lei 10.097, de dezembro de 2000**. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943. Presidência da República. Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 19 dez., 2000.
- _____. Decreto Federal nº 5.598, de 1 de dezembro de 2005, Regulamenta a contratação de aprendizes e dá outras providências. **Presidência da República. Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, DF, 1 dez., 2005.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990.
- _____. Ministério da Saúde. **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Marco teórico e referencial**: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.
- _____. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Atenção ao Pré-Natal de Baixo Risco**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 316p. – (serie A. Normas e Manuais Técnicos) (Serie Cadernos de Atenção Básica, nº 32).
- BUENO, M. E. N. et al. Paternidade na adolescência: a família como rede social de apoio. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 313-9, 2012.

CARRARO, T. E. et al. Conhecimento acerca da família do pai adolescente observado por meio do genograma. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 20, n. especial, p. 172-7, 2011.

CORRÊA, A. C. L. et al. Mapa mínimo das relações sociais no exercício da paternidade na adolescência. **Revista de enfermagem da UFSM**, v. 3, n. 3, p. 480-489, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONTIJO, D. T. et al. Pai é aquele que está sempre presente: significados atribuídos por adolescentes à experiência da paternidade. **Rev. Eletr. Enfe**, v. 13, n. 3, p. 439-448, 2011.

_____. Características biopsicossociais de mães adolescentes atendidas em um hospital escola no estado de Minas Gerais, Brasil. **Rev.Saúde.Com**, v. 6, n. 2, p. 86-98, 2010.

GURGEL, M. G. I. et al. Ambiente favorável à saúde: concepções e práticas da enfermeira na prevenção da gravidez na adolescência. **Rev Rene**, v. 11, n. especial, p. 82-91, 2010.

HENN, C. G.; PICCININI, C. A. Adolescência e função paterna: da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 4, p. 579-588, outubro-dezembro 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php>. Acesso em 04 de Novembro de 2014.

ÍNDICE de gravidez na adolescência no Piauí está acima da média nacional. **G1 Piauí**, Teresina, 26 jul. 2013. Disponível em:<<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/07/indice-de-gravidez-na-adolescencia-no-piaui-esta-acima-da-media-nacional.html>> Acesso em: 13 de novembro de 2014.

LUZ, A. M. H.; BERNL, N. I. O. Processo da paternidade na adolescência. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 63, n.1, p. 43-50, 2010.

MEINCKE, S. M. K. et al. Perfil sociodemográfico e econômico de pais adolescentes. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 452-6, 2011.

MELO, A. L. A. et al. Repercussões da paternidade na vida do adolescente. **Rev. RENE**, v. 13, n. 2, p. 261-268, 2012.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

PAULA, E. R. et al. A paternidade na adolescência e seu significado entre os jovens universitários que a vivenciaram. **Investigação**, v. 11, n. 6, p. 5-12, 2011.

PEDROSA, K. K. de A.; CASTRO, L. de O.; PEREIRA, W. Enfermagem e educação em saúde na atenção básica: uma experiência no bairro de Mãe Luíza, Natal-RN. **R. pesq.: cuid. fundam. online**, v. 4, n. 4, p. 2806-15, out./dez. 2012.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem**. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed. p. 669, 2011.

PONTES, M. L. da S. et al. A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 12, n. 1, p. 85-96, 2010.

QUEIROZ, I. N. B. et al. Planejamento familiar na adolescência na percepção de enfermeiras da estratégia saúde da família. **Rev. Rene**, Fortaleza, v. 11, n. 3, p. 103-113, jul./set. 2010.

SÃO PAULO, **Secretaria da Saúde**. Manual de atenção à saúde do adolescente./ Secretaria da Saúde. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde - CODEPPS. São Paulo: SMS, 2006.

SCHIRO, E. D. B. de; KOLLER, S. H. Ser adolescente e ser pai/mãe: gravidez adolescente em uma amostra brasileira. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 3, p. 447-455, 2013.

SILVA, D. M. da et al. Sexualidade na adolescência: relato de experiência. **Rev. Enferm. UFPE online**, Recife, v. 7, n. 1, p. 820-3, mar. 2013.

UNICEF. **Situação da Adolescência Brasileira – 2002**. Disponível em: <<http://www.unicef.org.br/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

Iniciais: _____	
Idade: _____	Estado Civil: _____
Tempo de relacionamento com a parceira: _____	
Escolaridade: _____	
Ocupação: _____	
Renda familiar mensal: _____	
Religião: _____	
Mora com: _____	

Qual a sua reação imediata ao saber que seria pai? E qual sua reação hoje?

Pra você, o que é ser pai?

O que você considera como dificuldade depois que você descobriu que vai ser pai?

Você tinha conhecimento sobre métodos para evitar a gravidez? Usava algum? Qual?

Por que você acha que o método utilizado foi falho?

Como você pensa que vai ser a sua vida agora já que você tem uma responsabilidade a mais?

Você frequenta ou frequentou as consultas pré-natais? Por que?

Durante as consultas pré-natais você recebeu alguma orientação sobre a paternidade precoce? Quem orientou?

Você tem alguma dúvida sobre a paternidade? O que você acha que deveria ser feito para esclarecer essas dúvidas?

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido

(para os responsáveis pelos adolescentes menores de 18 anos de idade)



Título do projeto: PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES EM REALIDADE DE PATERNIDADE PRECOCE

Pesquisadoras responsáveis:

Msc. Iolanda Gonçalves de Alencar Figueiredo, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí – UFPI Thaís Fragoso Vieira, discente do curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí- UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB, Departamento de Enfermagem. **Telefone para**

contato: (89) 9902- 1112 (inclusive a cobrar).

Prezado (a) Senhor (a):

Seu filho está sendo convidado a participar de uma pesquisa de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar da mesma, é muito importante que o(a) senhor (a) compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os Coordenadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você decida participar. O seu filho tem o direito de desistir de participar da produção desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

♦**Objetivo do estudo:** Analisar as dificuldades encontradas frente à realidade de paternidade precoce.

♦**Procedimentos:** A participação do seu filho nesta pesquisa consistirá em dividir conosco seus conceitos, pensamentos e relação com as temáticas abordadas no projeto, abordando suas dificuldades e percepções sobre sua vivência frente à paternidade adolescente. Será utilizado um roteiro de entrevista e um gravador para a gravação das entrevistas.

♦**Benefícios:** Esta pesquisa trará maior conhecimento e familiaridade sobre o tema abordado, podendo subsidiar melhorias na prática assistencial de enfermeiros na atenção básica de saúde voltadas para o advento da paternidade na adolescência.

♦**Riscos:** Este estudo apresenta risco mínimo, como intimidação ou vergonha durante a entrevista, contudo será feito o possível para minimiza-lo através de um diálogo acessível e da escolha de um ambiente reservado, de preferência do sujeito.

♦Em qualquer momento, seu filho terá acesso aos profissionais responsáveis pelo estudo para esclarecimento de eventuais dúvidas.

♦**Sigilo:** Se você concordar em participar do estudo, o nome e identidade do seu filho serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, o Comitê de Ética independente e inspetores de agências regulamentadoras do governo (quando necessário) terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____

_____, RG/CPF _____,

concordo em deixar meu filho participar do estudo “Percepção de adolescentes em realidade de paternidade precoce”, como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação do meu filho é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em deixá-lo participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu acompanhamento/ assistência/tratamento neste Serviço. Ressalvo que este documento será lavrado em duas vias onde uma ficará com o sujeito e a outra com o pesquisador.

Local e data

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável:

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre o estudo e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

RG: _____ Assinatura: _____

Nome: _____

RG _____ Assinatura: _____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste documentário.

Picos, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do pesquisador responsável

Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga
Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina - PI
tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.br web: www.ufpi.br/cep

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido
(para adolescentes maiores de 18 anos de idade)



Título do projeto: PERCEÇÃO DE ADOLESCENTES EM REALIDADE DE PATERNIDADE PRECOCE

Pesquisadoras responsáveis:

Msc. Iolanda Gonçalves de Alencar Figueiredo, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí – UFPI Thaís Fragoso Vieira, discente do curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí- UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. **Instituição/Departamento:** Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB, Departamento de Enfermagem. **Telefone para contato:** (89) 9902- 1112 (inclusive a cobrar).

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar do mesmo, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os Coordenadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da produção desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

♦**Objetivo do estudo:** Analisar as dificuldades encontradas frente à realidade de paternidade precoce.

♦**Procedimentos:** Sua participação nesta pesquisa consistirá em dividir conosco seus conceitos, pensamentos e relação com as temáticas abordadas no projeto, abordando suas dificuldades e percepções sobre sua vivência frente à paternidade adolescente. Será utilizado um roteiro de entrevista e um aparelho celular para a gravação das entrevistas.

♦**Benefícios:** Esta pesquisa trará maior conhecimento e familiaridade sobre o tema abordado, podendo subsidiar melhorias na prática assistencial de enfermeiros na atenção básica de saúde voltadas para o advento da paternidade na adolescência.

♦**Riscos:** Este estudo apresenta risco mínimo, como intimidação ou vergonha durante a entrevista, contudo será feito o possível para minimiza-lo através de um diálogo acessível e da escolha de um ambiente reservado, de preferência do sujeito.

♦Em qualquer momento da produção, você terá acesso às pesquisadoras responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.

♦**Sigilo:** Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, o Comitê de Ética independente e inspetores de agências regulamentadoras do governo (quando

necessário) terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,
 _____,
 RG/CPF _____, abaixo assinado, concordo
 em _____ participar _____ da _____ pesquisa
 _____, como sujeito. Fui
 suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para
 mim, descrevendo a pesquisa **“PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES EM
 REALIDADE DE PATERNIDADE PRECOCE”**. Eu discuti com a Acadêmica Thaís
 Fragoso Vieira sobre a minha decisão em participar nesse documentário. Ficaram
 claros para mim quais são os propósitos da Pesquisa, os procedimentos a serem
 realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de
 esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta
 de despesas. Concordo voluntariamente em participar desta Pesquisa e poderei
 retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem
 penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido,
 ou no meu acompanhamento/ assistência/tratamento neste Serviço.

Local e data

_____/_____/_____

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável:

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre o documentário e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

RG: _____ Assinatura: _____

Nome: _____

RG _____ Assinatura: _____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação nesta Pesquisa.

Picos, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do sujeito participante

Assinatura do pesquisador responsável

Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga
Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina – PI. tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.br web: www.ufpi.br/cep

APÊNDICE D- Termo de assentimento livre esclarecido



Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa **“PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES EM REALIDADE DE PATERNIDADE PRECOCE”**. Neste estudo pretendemos analisar as dificuldades encontradas frente à realidade de paternidade precoce.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é desenvolver ações e estratégias de suporte ao pai adolescente, como também o seu envolvimento no período pré-natal, visto que, essa fase tende a trazer um fortalecimento nos vínculos entre pai e filho, como também uma aproximação do pai adolescente ao serviço de saúde, que acaba por ser uma porta de entrada para a participação futura na política de saúde do homem.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: Será utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, contendo uma parte para coletar características socioeconômicas e outra parte contendo perguntas abertas, que visam alcançar o objetivo da pesquisa. A parte de perguntas abertas terão as respostas dos participantes gravadas com o auxílio de um gravador, em seguida as respostas serão transcritas pela pesquisadora e identificadas com números a fim de manter o sigilo com relação à identidade dos participantes, por fim as respostas serão analisadas criteriosamente e apresentadas.

Para participar deste estudo, o responsável deverá assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer benefício financeiro. Você será esclarecido em qualquer aspecto que desejar saber com relação à pesquisa, estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado com seu nome em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, como intimidação ou vergonha durante a entrevista, contudo será feito o possível para minimiza-lo através de um diálogo acessível e da escolha de um ambiente reservado, de preferência do sujeito. Os benefícios desse

estudo envolvem a obtenção de conhecimento e familiarização sobre o tema abordado, podendo subsidiar melhorias na prática assistencial de enfermeiros na atenção básica de saúde voltadas para o advento da paternidade na adolescência.

Os resultados estarão a sua disposição quando a pesquisa for finalizada. Seu nome ou o material que identifique sua participação não serão liberados sem a permissão do pesquisador ou do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador por um período de 5 (cinco) anos. E, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será entregue a você.

Eu, _____
portador do documento de Identidade (RG) _____ (se já tiver o documento), fui informado do objetivo do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim desejar. Tenho o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Picos, PI _____ de _____ de 2015

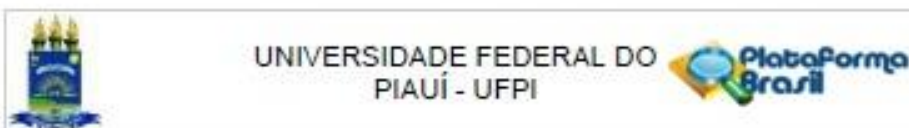
Assinatura do menor

Assinatura do Pesquisador Responsável

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga
Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina - PI
tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.br web: www.ufpi.br/cep

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES EM REALIDADE DE PATERNIDADE PRECOCE

Pesquisador: IOLANDA GONÇALVES DE ALENCAR FIGUEIREDO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 27303414.0.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 886.210

Data da Relatoria: 17/12/2014

Apresentação do Projeto:

O estudo se propõe a estudar a Percepção de adolescentes em realidade de paternidade precoce. Analisará as dificuldades encontradas frente a realidade de paternidade precoce, bem como se propõe a traçar perfil sócioeconômico dos sujeitos da pesquisa; descreverá as percepções do adolescente frente a realidade de paternidade listando as principais dificuldades dos adolescentes com relação à inserção no universo da paternidade precoce e, na oportunidade, fazer uma discussão acerca dos programas que tratam da assistência à adolescência no que diz respeito à eficácia dos mesmos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as dificuldades encontradas frente a realidade de paternidade precoce.

Objetivo Secundário:

- Traçar perfil sócio-econômico dos sujeitos da pesquisa;
- Descrever as percepções do adolescente frente a realidade de paternidade;
- Listar as dificuldades com relação à inserção no universo da paternidade precoce;
- Discutir programas que tratam da assistência à adolescência no que diz respeito à eficácia dos mesmo.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
 Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
 UF: PI Município: TEREZINA
 Telefone: (88)3237-2332 Fax: (88)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUI - UFPI



Continuação do Parecer: 006.210

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

***Riscos:**

O estudo poderá apresentar algum constrangimento ao adolescente durante a entrevista, o qual poderá se sentir intimidado ou envergonhado, visto que a paternidade precoce, muitas vezes, poderá trazer ao pai adolescente esses sentimentos. Contudo será feito o possível para que esses sentimentos sejam minimizados através do estabelecimento de um diálogo acessível que instaure confiança.

Benefícios:

O presente estudo poderá contribuir para o desenvolvimento de uma maior consciência e participação do adolescente-pai no processo gestacional bem como o esclarecimento das principais dúvidas e mitos sobre o uso de métodos contraceptivos, pois a falta do uso e a desinformação quanto a forma correta de utilização são fatores decisivos para uma gravidez não planejada além de dificultarem a elaboração de ações para seu enfrentamento. Ainda, a partir deste será possível retratar a paternidade precoce e suas facetas, consistindo também sua importância no fato de que novos estudos poderão ser realizados sobre a presente temática."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva com uma abordagem qualitativa. Os indivíduos convidados a participar da pesquisa serão adolescentes do sexo masculino, que esteja ou tenha tido relacionamento fixo ou estável com parceira na mesma faixa etária e que a relação tenha culminado em gravidez não planejada. A amostra constará de 10 participantes. Para coleta dos dados, será utilizado um instrumento semiestruturado, o mesmo conterá um cabeçalho com vistas a traçar o perfil socioeconômico dos entrevistados e logo em seguida o instrumento será estruturado com perguntas subjetivas que visam alcançar os objetivos da pesquisa. Para tratar e analisar os discursos das participantes será utilizado o método de análise de conteúdo de Bardin, onde serão organizados e agrupados em categorias.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados.

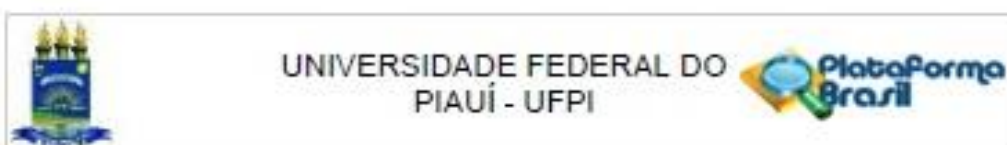
Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sanadas as pendências o projeto encontra-se apto para aprovação.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
 Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
 UF: PI Município: TERESINA
 Telefone: (88)3237-2332 Fax: (88)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 886.210

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Sr.(a) Pesquisador(a),

em cumprimento ao previsto na Resolução 466/12, o CEP-UFPI aguarda o envio dos relatórios parciais e final da pesquisa, elaborados pelo pesquisador, bem como informações sobre sua eventual interrupção e sobre ocorrência de eventos adversos.

Ainda, para assegurar o direito do participante e preservar o pesquisador, revela-se importante alertar que o TCLE e o Termo de Assentimento deverão ser rubricados em todas as suas folhas, tanto pelo participante quanto pelo(s) pesquisador(es), devendo ser assinados na última folha.

TERESINA, 26 de Novembro de 2014

Assinado por:
Adrianna de Alencar Setubal Santos
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.040-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (88)3237-2332 Fax: (88)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

ANEXO B – Autorização Institucional

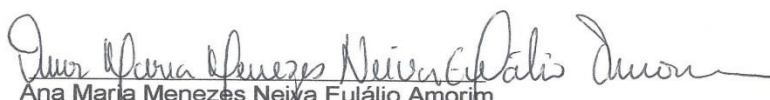
PREFEITURA MUNICIPAL DE PICOS
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAUDE
CNPJ 01.632.094/0001-84
RUA MARCOS PARENTE, 641 CENTRO
(89) 3415 4252 / (89) 3415 4250



Venho por meio deste manifestar a concordância para realizar a pesquisa intitulada: "Percepções de Adolescentes em Realidade de Paternidade Precoce", que tem como objetivo principal (geral): Analisar as percepções de adolescentes frente a realidade de paternidade precoce. Esse estudo tem por como pesquisadora responsável Iolanda Gonçalves de Alencar Figueiredo, Professora Efetiva do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí, Campus senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) da cidade de Picos Piauí. Estou ciente que os sujeitos dessa pesquisa são: adolescentes que vivenciam a realidade de paternidade e residem no município de Picos-PI.

Defiro a pesquisa para fins científicos desde que não seja citada a qualificação, ou dados que possam gerar a identificação das partes ou nome de qualquer adolescente ou pessoa envolvida na situação.

Picos, PI 18 de Fevereiro de 2014.


Ana Maria Menezes Neiva Eulálio Amorim
Secretária Municipal de Saúde de Picos